

**“PEREGRINAÇÃO DE EGÉRIA”: UMA
NARRATIVA DE VIAGEM AOS
LUGARES SANTOS NO SÉCULO IV**
“PILGRIMAGE OF EGERIA”: A NARRATIVE OF TRAVEL TO HOLY
PLACES IN THE FOURTH CENTURY

Maria Cristina da Silva Martins¹

Resumo: *Este artigo tem por objetivo mostrar alguns aspectos que fazem parte da edição crítica bilingue (latim-português) da obra “Peregrinação de Egéria”. Seleccionamos alguns capítulos do texto em latim e a sua tradução para o português, com o intuito de mostrar não só as características do próprio texto latino, mas também a tradução realizada, que procura ser a mais literal possível. Além disso, destacamos nos capítulos escolhidos os diferentes tipos de notas que fazem parte da nossa edição crítica, ou seja, notas de crítica textual e histórico-literárias, de acordo com a tradição da edótica. Nas notas de edição crítica, apresentamos, em particular, alguns problemas encontrados em relação à escritura beneventana. Por fim, mostramos alguns itens lexicais que fazem parte do glossário, anexo ao texto.*

Palavras-chave: Peregrinação de Egéria, Língua Latina, Edição Crítica.

Abstract: *This article aims to show some aspects that are part of the (Latin-Portuguese) bilingual critical edition of “Pilgrimage of Egeria.” Notably, we try to show the different types of notes that are part of our edition, i.e. notes of textual and historical-literary criticism, according to the tradition of ecdotics. In the critical edition notes, we present some problems related to beneventan script. Finally we show some lexical items that are part of the glossary, attached to the text.*

Keywords: Critical Edition, Pilgrimage of Egeria, Latin Language.

1. Introdução

O presente artigo é parte integrante da primeira edição crítica brasileira² – latim-português – da obra *Peregrinação de Egéria*, uma das mais an-

¹ Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Agradeço à Capes pela bolsa de pós-doutoramento concedida (nº 1250-10-8) para a realização de uma parte desta edição crítica, na Universidade de Paris IV - Sorbonne (2010-2011).

tigas narrativas de viagem aos Lugares Santos da Palestina. Embora o texto tenha chegado até nós incompleto, pois faltam-lhe o começo, o fim e duas folhas internas, podemos datá-lo com precisão. Segundo Pierre Maraval (2002, p. 28), a partir das pesquisas de Paul Devos, a peregrina chegou a Jerusalém para as festas de Páscoa de 381 e partiu no dia seguinte à Páscoa de 384, mais precisamente, no dia 25 de março. O elemento decisivo que permite essa datação é dado pelo encontro de Egéria com três bispos “confessores” (cap. 19, 1-5; 20, 2). Esse título é dado desde o final do século IV àqueles que sofreram por sua fé e é aplicado na *Peregrinatio* a três bispos conhecidos, perseguidos pelo imperador Valente por sua fidelidade ao Concílio de Niceia: Eulógio de Edessa, Abraão de Batanis e Protógenes de Charra. Alguns outros dados do texto confirmam essas datas e permitem precisá-las. Portanto, o texto que possuímos, endereçado de Constantinopla às suas correspondentes ocidentais (cf. 19,19; 20,13; 23,10 e 24,1), data da segunda metade de 384. O texto de Egéria, além de incompleto, como se disse, chegou até nós num único manuscrito, datado do séc. XI, preservado em Arezzo, mas originário de Monte Cassino. Na primeira parte, temos a narrativa do último ano da viagem, da visita ao Sinai, em dezembro de 383, à volta a Constantinopla, em junho de 384. Na segunda parte da obra, temos a descrição da liturgia de Jerusalém.

O texto não apresenta, igualmente, o nome da autora. Conhecemos o seu nome graças a uma carta do monge Valério, que viveu nas montanhas de Bierzo, na Galícia, no séc. VII. Esse monge, que possuía um exemplar mais completo do que o nosso, comentou a viagem realizada por uma dama no séc. IV através de uma carta, escrita provavelmente em 680, para os seus confrades de Bierzo. Os manuscritos da carta de Valério, em número de seis, apresentam as seguintes formas para o nome da autora: *Egeria*, *Eiheria*, *Heieria*, *Echeria*, *Aetheria*. Por muito tempo, foi aceito o nome *Aetheria* (Etéria) como sendo o da autora da obra, através da tradição do manuscrito de Carracedo. Depois surgiram peças de evidências independentes que reforçaram os argumentos a favor do nome Egéria. Uma delas é um catálogo do séc. XIII da biblioteca de Saint Martial em Limoges, na França, que apresenta como título de uma obra *Itinerarium Egeriae*. Devemos reconhecer também o nome *Egeria* no nome *Ingerarium Geriae*, presente num índice do mosteiro San Salvador de Celanova, datado por volta de 935. Em 1923, conforme nos relata o editor norte-americano da *Peregrinatio*, George E. Gingras, J. F. Mountford descobriu um glossário compilado por volta de 750, por Ansilebus, cujos principais manuscritos contêm uma entrada obviamente derivada do capítulo 15 da *Peregrinatio*.

Nessa entrada, de acordo com os diferentes manuscritos, há um comentário marginal indicando a sua fonte, em que se apresentam três formas ligeiramente diferentes do nome da autora: *Egerie*, *Egeria* e *Egene*. Assim, Mountford concluiu que a possibilidade de o nome da autora ser *Egeria* é fortalecida por esse testemunho. Somam-se às evidências o fato de que Egéria é a forma mais frequente nos manuscritos de Valério.

Ainda persistem algumas dúvidas em relação ao local de origem da peregrina e à sua condição social, isto é, se a peregrina era uma freira ou uma dama da alta sociedade; no entanto, parece que há um consenso quanto ao seu nome e à datação de sua peregrinação. Seja como for, desde a sua descoberta pelo filólogo italiano Gamurrini, em 1884, no mosteiro de Monte Cassino, na Itália, a obra tem sido muito estudada, pois é uma das fontes para o entendimento das transformações do latim, que, lentamente, através de séculos, deram origem às línguas românicas. Além disso, por descrever com detalhes os lugares por onde Jesus Cristo passou, bem como as principais personagens e episódios do Antigo Testamento, e de documentar alguns ofícios religiosos realizados naquela época em Jerusalém, também é um documento histórico, religioso e litúrgico.

1.1 Edição crítica

O trabalho de reconstrução de um texto, total ou parcialmente, assim como a determinação e esclarecimento dos aspectos relevantes do mesmo, é a meta de uma edição crítica. Esta se estende da crítica textual, cujo objeto é o próprio texto, até as questões históricas e literárias. De acordo com Lachmann (1793-1851), a quem devemos a ciência da crítica textual, este método envolve os seguintes passos: *recensio* (*recensão*), *collatio codicum* (*comparação dos códices*), *originem detegere* (*estemática ou genealogia dos manuscritos*) e *emendatio* (*correção*). Na crítica histórico-literária, ele reconhece os seguintes passos: autenticidade (autoria), datação, fontes, circunstâncias, sorte, unidade e integridade, linguagem do texto, avaliação crítica e exegese.

Tendo-se em mãos uma cópia do manuscrito, datado do século XI, e um total de doze importantes edições críticas europeias modernas, iniciamos a comparação dos diversos códices ou edições já existentes, ou seja, a *collatio codicum*. Esse trabalho de comparação das diversas edições críticas entre si e delas em relação ao manuscrito único tem por objetivo o estabelecimento ou fixação de um texto latino próprio, fundamental para a edição crítica que está sendo proposta. A fim de poder realizar a leitura

direta do manuscrito, ademais, foi necessário fazer o estudo da escritura beneventana, o tipo de escrita medieval em que o manuscrito foi redigido. É importante ressaltar que a leitura cuidadosa do manuscrito possibilitou descobrir que, em relação a três palavras do manuscrito, todas as edições críticas analisadas transcreveram-nas erroneamente. As notas de edição crítica, na forma de notas de rodapé, abaixo do texto latino estabelecido, apontam as divergências encontradas entre as diversas edições críticas e o manuscrito. Além dessas notas de edição crítica, nosso trabalho é enriquecido por notas de caráter filológico, gramatical e linguístico, as quais pontuam determinados itens lexicais, mostrando a sua diferença em relação ao latim clássico e explicitando o que já se apresenta como germe formador das línguas românicas. Também consta da nossa edição crítica um glossário, constituído de palavras em que há uma especialização de sentido, originando assim um *termo*, e de certas palavras que necessitam de uma melhor contextualização histórica, filosófica, religiosa, geográfica, entre outras. Tanto as notas histórico-literárias, apresentadas ao rodapé da tradução, como as palavras do glossário são parte da *exegese do pormenor*, a última etapa do trabalho filológico de uma edição crítica. Igualmente, como anexos, estão incluídas as obras que, na edótica, chamam-se de *fontes de tradição indireta*, as quais nos ajudam a suprir as lacunas que existem, levando-nos a uma melhor compreensão da *Peregrinatio*. São elas: *De Locis Sanctis*, de Pedro Diácono, bibliotecário do mosteiro de Monte Cassino no séc. XI, que utilizou a *Peregrinatio* como fonte para escrever a sua obra e a carta do monge Valério, do séc. VII. Finalmente, de modo inédito, faz parte dos anexos uma cópia do manuscrito, apócrifo e único, redigido na escritura beneventana.

Pretendemos, através da nossa contribuição com a realização de uma nova edição em língua portuguesa, dar um passo além das edições críticas existentes, sem, no entanto, estabelecer uma concorrência, uma vez que o nosso trabalho é diferente do que já existe, mesmo em edições críticas em línguas estrangeiras.

2. Notícia sobre a obra

A *Peregrinação de Egéria* divide-se em duas partes: a primeira, do capítulo 1 ao 23, é um diário de viagem aos lugares santos da História Sagrada. Na primeira parte são descritas quatro viagens de Egéria: 1) a peregrinação ao Sinai e o retorno a Jerusalém pela terra de Gessen (cap. 1 a 9). Como

o texto se apresenta fragmentado, não sabemos de onde ela partiu, mas parece ter iniciado a viagem do Egito em direção ao Sinai (cf. cap. 9); 2) a peregrinação ao monte Nebo (cap. 10 ao 12), onde Egéria quer contemplar, tal como Moisés, o panorama da Terra Prometida; 3) a peregrinação à Idumeia, país de Jó (cap. 13 ao 15). Essa viagem permitiu aos peregrinos que visitassem os lugares onde se conservam lembranças de outras personagens bíblicas como Melquisedec, João Batista, Elias, Jefté, como atesta o culto que lhes ofereceram nesses lugares; 4) a peregrinação à Mesopotâmia e a volta à Constantinopla, passando por Tarso, Selêucia e Calcedônia (cap. 15 ao 23). Na segunda parte, dos capítulos 24 ao 49, é feita uma descrição da Liturgia de Jerusalém: do capítulo 24 ao 25, os ofícios feriais da semana e o ofício dominical; do cap. 25 ao 44, as festas litúrgicas, a Epifania (Natal), a apresentação de Jesus ao Templo, a Quaresma; a Semana Santa, a Vigília Pascal, a Semana da Páscoa, o Tempo Pascal (chamado Quinquagésimas), a Ascensão e o Pentecostes. Descreve, nos capítulos 45 a 48, os principais ritos da iniciação cristã, dando ênfase especial à catequese. A obra termina de modo incompleto, com a descrição da festa da consagração das igrejas, até a descrição do quarto dia de festa (cap. 48 e 49).

2.1. Alguns capítulos, com o texto latino e a sua tradução

Os capítulos foram escolhidos obedecendo aos seguintes critérios: em primeiro lugar, tivemos a intenção de mostrar o início tanto da primeira, quanto da segunda parte da obra. Em seguida, desejamos mostrar o capítulo em que se encontra uma das palavras transcritas erroneamente por todos os editores. Como prova da nossa leitura, mostramos o mesmo trecho no manuscrito. Dado que a leitura do manuscrito não é evidente a quem não conhece a escrita beneventana, procuramos explicitá-la quando da análise das palavras em questão. Por último, alguns capítulos foram selecionados em função dos vários tipos de notas que apresentam, incluindo algumas palavras que fazem parte do glossário.

Em primeiro lugar, são apresentados os parágrafos da obra em latim e sua tradução para o português. Destacamos em negrito algumas palavras que apresentam notas de edição crítica, as quais não só exibimos, mas também as explicamos. Em itálico, por sua vez, aparecem certas palavras que apresentam notas de caráter linguístico e filológico. Por último, apresentamos alguns exemplos de palavras, marcadas com um asterisco, que fazem parte do glossário. No livro a ser publicado, as notas de edição crítica vêm ao rodapé do texto latino, ao passo que as notas linguístico-filológicas apresentam-se ao rodapé do texto em português.

<p style="text-align: center;"><Multa desunt></p> <p>... ostendebantur iuxta scripturas. Interea ambulantes peruenimus ad quendam locum, ubi sex tamen montes illi, inter quos ibamus, aperiebant et faciebant uallem infinitam, ingens, planissima et ualde pulchram, et trans uallem apparebat mons sanctus Dei Syna. Hic autem locus, ubi se montes aperiebant, iunctus est cum eo loco, qui sunt memoriae concupiscentiae.</p>	<p style="text-align: center;"><Faltam muitas coisas></p> <p>... mostravam-se conforme as Escrituras. Neste momento, chegamos andando a um certo lugar, onde enfim os montes, por entre os quais caminhávamos, abriam-se e formavam um vale infinito, enorme, planíssimo e muito belo e para além do vale aparecia o Sinai – monte santo de Deus. Este lugar, onde se abriam os montes, está ligado àquele lugar no qual estão as Memórias da Concupiscência.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fig. 1. Capítulo 1, parágrafo 1

<p>Ostenderunt etiam et illum locum, ubi eis pluit manna et coturnices. Ac sic ergo singula, quicumque scripta sunt in libris sanctis Moysi facta fuisse in eo loco, id est in ea ualle, quam dixi subiaceri monti Dei, id est sancto Syna, ostensa sunt nobis. Quae quidem omnia singulatim scribere satis fuit, quia nec retinere poterant tanta; sed cum leget affectio vestra libros sanctus Moysi, omnia diligentius peruidet, quae ibi facta sunt.</p>	<p>Mostraram também o lugar onde choveu para eles maná e codornizes. E assim, portanto, uma a uma, quaisquer coisas que estão escritas nos livros santos de Moisés terem acontecido naquele lugar, isto é, no vale o qual disse que está situado abaixo do monte de Deus, isto é, o santo Sinai, foi mostrado a nós; na verdade, escrever todas essas coisas uma por uma seria demais, porque nem sequer podiam ser lembradas, de tão numerosas, mas quando Vossa Afeição ler os santos livros de Moisés, verá mais atentamente os fatos que aconteceram neste lugar.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fig. 2. Capítulo 5, parágrafo 8

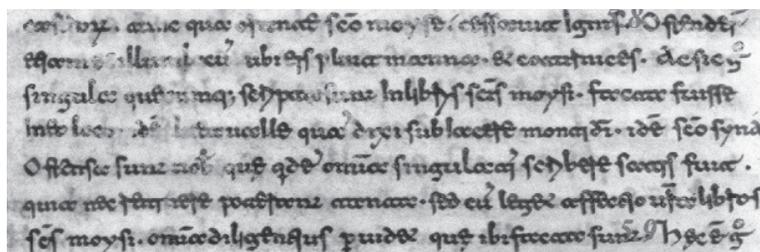


Fig. 3. Capítulo 5, parágrafo 8 – manuscrito

<p>Itaque ergo profecta sum de Ierusalima cum sanctis, qui tamen dignati sunt itineri meo comitatum praestare, et ipsi tamen gratia orationis. Habens ergo iter ab Ierusalima usque ad Carneas eundo per mansiones octo – Carneas autem dicitur nunc ciuitas Iob, quae ante dicta est Dennaba in terra Ausitidi, in finibus Idumeae et Arabiae – : in quo itinere <i>hiens</i> uidi super ripam Iordanis fluminis uallem pulchram satis et amenam, habundantem vineis et arboribus, quoniam aquae multe ibi erant et <i>optimae satis</i>.</p>	<p>Assim, pois, parti de Jerusalém com os santos, que se dignaram a oferecer acompanhamento à minha viagem, e esses, contudo, por causa da oração: tomando, pois, o caminho desde Jerusalém até Cárneas, passando por oito pousadas – aliás agora a cidade de Jó se chama Cárneas, que antes foi chamada Danaba, na terra de Ausítis, nas fronteiras da Idumeia e da Arábia – : indo neste caminho vi sobre a margem do rio Jordão um vale bastante bonito e ameno, abundante em vinhas e árvores, pois os cursos d'água eram numerosos ali e excelentes.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fig. 4. Capítulo 13, parágrafo 2

<p>Item in nomine Dei, transacto aliquanto tempore, cum iam tres anni pleni essent, a quo in Ierusalimam uenisse, visis etiam omnibus locis sanctis, ad quos orationis gratiam me tenderam, et ideo iam reuertendi ad patriam animus esset: uolui iubente Deo, ut et ad Mesopotamiam Syriae accedere ad uisendos sanctos monachos, qui ibi plurimi et tam eximiae vitae esse dicebantur, ut uix referri possit; nec non etiam et gratia orationis ad martyrium sancti Thomae apostoli, ubi corpus illius integrum positum est, id est apud Edessam, quem se illuc missurum, posteaquam in caelis ascendisset, Deus noster Iesus testatus est per epistolam, quam ad Aggarum regem per Ananiam cursorem misit, quoque epistolam cum grandi reuerentia apud Edessam ciuitatem, ubi est ipsud martyrium, custoditur.</p>	<p>Novamente, em nome de Deus, decorrido bastante tempo, quando já fazia três anos inteiros desde que chegara a Jerusalém, vistos também todos os lugares santos a que me dirigira para orar, e sendo já minha intenção voltar à pátria, quis ainda, por ordem de Deus, ir também à Mesopotâmia da Síria para visitar os santos monges que aí eram ditos ser numerosos e de vida tão exímia, que mal se pode contar, mas ainda também para orar perto do <i>martyrium*</i> do santo apóstolo Tomé, onde o corpo dele foi sepultado inteiro, isto é, perto de Edessa*, que Jesus Cristo, nosso Deus, atestou por carta que enviou ao rei Abgar*, através do mensageiro Ananias que o mandaria para lá após subir aos céus. Carta essa que é guardada com grande respeito perto da cidade de Edessa, onde está o <i>martyrium</i>.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fig. 5. Capítulo 17, parágrafo 1

<p>Vt autem sciret affectio uestra, quae <i>operatio</i> singulis diebus cotidie in locis sanctis habeatur, certas uos facere debui, sciens, quia libenter haberetis haec cognoscere. Nam singulis diebus ante pullorum cantum aperiuntur omnia hostia Anastasis et descendunt omnes monazontes et parthene, ut hic dicunt, et non solum hii, sed et laici praeter, viri aut mulieres, qui tamen uolunt maturius uigilare. Et ex ea hora usque in luce dicuntur ymni et psalmi responduntur, similiter et antiphonae: et cata singulos ymnos fit oratio. Nam presbyteri bini uel terni, similiter et diacones, singulis diebus uices habent simul cum monazontes, qui cata singulos ymnos uel antiphonas orationes dicunt.</p>	<p>Para que de fato Vossa Afeição soubesse que officios são realizados nos lugares santos em cada dia, julguei dever vos informar, sabendo que teríeis prazer em conhecê-los. De fato, em cada um dos dias, antes do canto dos galos abrem-se todas as entradas da Anástase* e descem todos os monazontes* e partenas, como aqui dizem, não só esses, mas também, além deles, homens e mulheres, que contudo querem fazer vigília mais cedo. E desde essa hora até o amanhecer, dizem-se hinos e respondem-se salmos, semelhantemente também antífonas, e a cada um dos hinos se faz uma oração. De fato, os presbíteros, de dois em dois, ou de três em três, e igualmente os diáconos, têm alternância com os monazontes, que a cada hino ou antífona dizem orações.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fig. 6. Capítulo 24, parágrafo 1

2.1.1 Notas de edição crítica

As palavras indicadas abaixo aparecem em negrito nos capítulos acima. Quando, porém, as mesmas aparecem no texto em negrito e itálico é porque a elas estão associadas notas de edição crítica e notas histórico-literárias. Em contiguidade às palavras, em itálico, são informados os autores das edições críticas consultadas (muitos nomes estão abreviados). Isto significa que os seguidores de uma determinada interpretação aparecem logo após a indicação da mesma. Esta maneira de organização do aparato crítico não é uma invenção nossa, mas sim, uma tradição à qual se prendem todos os editores. Desse modo, por *A* se designa o manuscrito único (*Aretinus* 405), *Gam*¹ é a primeira edição de Gamurrini, de 1887, *Gam*² é a segunda edição de Gamurrini, de 1888, e assim por diante, conforme pode ser visto na bibliografia indicada.

Capítulo 1, parágrafo 1:

sex *A* se *Gam*² *edd.*

infinitam ingens planissima *A Gam* infinitam, ingens, planissima *FrW Prinz Arce Mar Nat Jan MaN* infinitam ingens, planissima *Her* infinitam ingens, planissimam *Geyer Petré*

qui *A MaN* quo *Gam* *edd.*

Capítulo 5, parágrafo 8:

quaecumque *A edd.* quaecumque *Gam² Geyer Petré*
sanctis *A edd.* sancti *Devos Jan*
retinere *A edd.* retineri *Geyer Her Petré*
sanctus *A sanctos Gam edd.* sancti *Devos Jan*

Capítulo 13, parágrafo 2:

praestare *A Gam² Geyer Her Petré Prinz MaN* praestare *Gam¹ FrW Arce Mar*
Jan Nat
au****sitidi *A*
amenam *A edd.* amoenam *Geyer Petré*
multe *A edd.* multae *Gam² Geyer Petré*

Capítulo 17, parágrafo 1

aliquanto *A edd.* aliquando *Jan*
uenisse *A edd.* uenissent *Gam Geyer Petré Arce*
gratiam *A gratia Gam edd.*
ut et *A edd.* et *Gam etiam et Geyer Petré*
quoque epistolam *A MaN* quaeque epistola *Gam² Geyer Petré* que epistola
Her FrW Nat Arce Jan que epistolam *Prinz Mar*

Capítulo 24, parágrafo 1:

parthene *A edd.* parthenae *Gam Geyer Petré Arce*
praeter *A Geyer Her Petré Prinz* praeterea *Gam² preter FrW Arce Mar Nat*
Jan MaN
luce *A edd.* lucem *Gam Geyer Petré*

Como um exemplo da leitura que se deve fazer das notas de edição crítica, tomemos a palavra *sex*, presente no capítulo 1, parágrafo 1. Nesta nota, lê-se “*sex A se Gam² edd.*”. *Sex* indica o que se lê no manuscrito (*A*, de *Codex Aretinus* 405); *se* indica a interpretação feita por Gamurrini (1888), abreviada como *Gam²*, a qual foi seguida por todos os outros editores (*edd.*).

Outro exemplo de nota de edição crítica encontra-se em 5, 8, na palavra *sanctus*. Esta é uma das três notas de edição crítica que não fazem parte de nenhuma das edições críticas analisadas, como dissemos anteriormente. Presumimos que isto aconteceu porque o manuscrito original não tenha sido consultado pela maioria dos editores-filólogos. Na verdade, a maioria dos editores segue uma das seguintes edições-críticas: ou a de Gamurrini

(1887,1888), ou a de Geyer (1898), ou a de Prinz (1960), e nenhum desses três editores transcreveu corretamente essas três palavras. A palavra em questão – *sanctus* (5, 8) – está escrita na forma abreviada, conforme pode ser visto abaixo:



Fig. 7. Forma abreviada de *sanctus* no manuscrito

Esse modo de abreviar, que apresenta um traço horizontal em cima de uma letra, indica que algumas letras da palavra foram suprimidas. Porém, aquilo que foi suprimido varia de vocábulo para vocábulo, sendo necessário, portanto, conhecer-se previamente a palavra, para poder interpretá-la. Tal interpretação é perfeitamente possível, uma vez que as letras inicial e final da palavra estão escritas; além disso, as abreviaturas ocorrem em palavras repetidamente utilizadas ao longo do texto, tais como se pode ler em 19, 6: *Tunc ait mihi sanctus episcopus*. Nesse trecho, *mihi*, *sanctus* e *episcopus* encontram-se abreviados, como se vê no manuscrito:

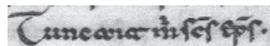


Fig. 8. *Tunc ait mihi sanctus episcopus* – manuscrito

Sanctus está abreviado da mesma maneira que se encontra em 5, 8. Aproveitamos este mesmo trecho para fazer uma observação a respeito da abreviatura de *mihi*:



Fig. 9. *Mihi* – forma abreviada no manuscrito

Essa é a forma consagrada na escrita beneventana para representar o *mihi* do latim clássico. No entanto, porque na *Peregrinatio* encontramos paralelamente a forma *michi*, por extenso (16 vezes, contra 11 ocorrências de *mihi* abreviado), podemos conjecturar que a maneira abreviada represente, na verdade, *michi*; de fato, não encontramos nenhuma ocorrência de *mihi* por extenso. Todavia, essa interpretação não é de todo segura, pois o copista poderia conhecer a abreviatura como sendo a do *mihi* clássico e, ao mesmo tempo, fazer uso da forma vulgar *michi*. Sabemos que por volta do século XI já existiam as línguas românicas; porém, quem era letrado e sabia latim, certamente usava as duas variantes da língua, a popular e a clássica.

No que diz respeito às edições consultadas, para a passagem 19, 6 – *Tunc ait mihi sanctus episcopus* –, apresenta-se a seguinte nota de edição crítica: *mihi A edd. michi Nat.*

Ou seja, a maioria dos editores (*edd.*) interpreta que tal abreviatura representa o *mihi* clássico, com exceção de Natalucci, que acredita que a abreviatura representa *michi*.

No capítulo 20, parágrafo 10, ocorre a mesma frase *Tunc ait mihi sanctus episcopus*, para a qual há a seguinte nota de edição crítica: *mihi A michi Gam edd.*

A maior parte dos editores interpreta nesta passagem *michi*, seguindo a leitura feita primeiramente por Gamurrini. O fato é que a abreviatura é a mesma que a anterior, conforme se vê no trecho do manuscrito, onde sublinhamos a frase em questão:

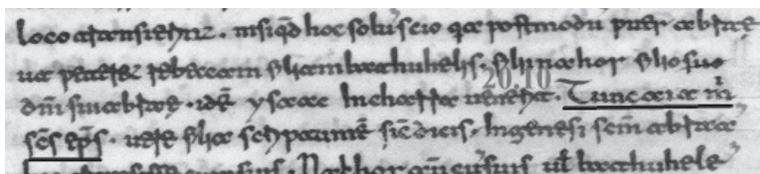


Fig. 10. Trecho do capítulo 20, parágrafo 10 - manuscrito

Dentre todas as edições críticas consultadas, apenas Natalucci mantém uma mesma interpretação ao longo de toda obra. Para ela, todos os *mihi* que aparecem abreviados são *michi*, pois, como mencionamos anteriormente, *michi* é a única forma que aparece por extenso. Assim, a autora dessa edição crítica italiana entende que o copista, quando abreviava, referia-se a um *michi*. Pensamos que não é possível fazer uma afirmação de tal natureza. Não se descarta a possibilidade de que o copista conhecesse a maneira consagrada, na escrita beneventana, para abreviar o *mihi* clássico. Porém, como havia uma variação de *mihi* a *michi*, em latim vulgar, talvez *michi* fosse a forma mais natural para ele na fala, que o levou a registrá-la por extenso. Assim, como acabamos de afirmar, assumimos que a abreviatura mostrada acima é a transcrição clássica do dativo de *ego* (*mihi*) e mantemos essa coerência ao longo de toda obra, ao contrário da maioria dos editores, que a transcrevem ora como *mihi* ora como *michi*.

Outros exemplos de oscilação entre uma interpretação clássica de uma abreviatura e a interpretação vulgar da mesma abreviatura ocorrem nos seguintes pares de exemplos: *praestare/prestare*; *multae/multe*. Essas palavras podem ser vistas no capítulo 13, destacado mais acima, onde aparecem em

negrito. Em seguida, mostramos as variações de interpretação dentre os diversos editores, as quais correspondem às notas de edição crítica. Novamente torna-se importante reproduzir o manuscrito do trecho correspondente:

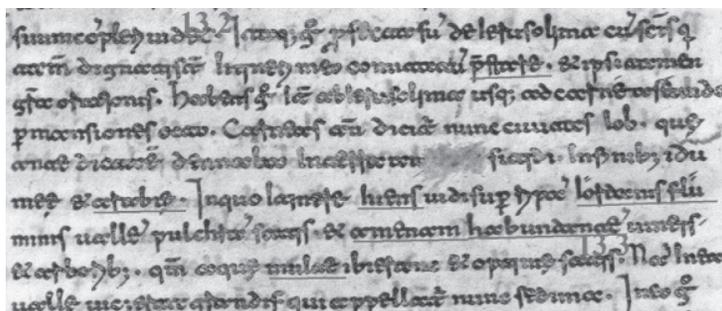


Fig. 11. Capítulo 13, parágrafo 2 – manuscrito

Na segunda linha, temos a primeira palavra sublinhada – *praestare* – escrita com *prae* na forma abreviada:



Fig. 12. *Prae* ou *pre* na forma abreviada – manuscrito

Os diversos editores dividem-se entre a transcrição de *Gam*¹ (1887), que interpreta *prestare* (Franceschini-Weber, Arce, Maraval, Janeras, Natalucci), e a transcrição de *Gam*² (1888), *praestare* (Geyer, Heraeus, Petré, Prinz, Mariano). De fato, essa abreviatura é usada tanto para abreviar um *prae* quanto um *pre*, por isso a divergência entre os editores. No exemplo citado, não há mudança de significado com a redução do ditongo *prae* a *pre*, fato atestado tanto no latim vulgar como nas línguas românicas. Porém, a forma verbal *prendet euangelium* (24, 10 *toma o evangelho* (sc.) *o bispo*) está escrita com o *pre* abreviado e, nesse caso, não pode haver duas interpretações, já que a forma *praendet* não existe.

Sublinhamos no manuscrito, igualmente, as seguintes palavras que possuem notas de edição crítica:

Iordanis fluminis: as “aspas” utilizadas pelo copista foram interpretadas, por alguns editores, como um sinal de inversão das duas palavras. Assim, alguns editores escrevem *fluminis iordanis*, enquanto outros, como Geyer, Heraeus, Petré e Arce, optam pela não inversão.

Amenam: esta palavra foi escrita pelo copista com *e*, ou seja, com a redução do ditongo *oe* a uma simples vogal. Geyer e Petré corrigem-na para *amoenam*.

Multe: igualmente, esta palavra foi escrita sem o ditongo. Gamurrini (1888), Geyer e Petré corrigem-na para *multae*.

Finalmente, as palavras *arabiae* (6ª linha), *hiens* (6ª linha) e *habundantem* (7ª linha) aparecem sublinhadas porque também apresentam particularidades na escrita. *Arabiae* mostra o ditongo *ae* escrito da forma abreviada, com um pequeno sinal embaixo do *e*, que é semelhante a uma vírgula. Essa abreviatura de *ae* nem sempre foi percebida pelo primeiro editor da *Peregrinatio*, Gamurrini. Muitas vezes a sua leitura equivocada persiste em todos os editores, porque evidentemente estes não se basearam no manuscrito para o estabelecimento do texto latino. *Hiens* e *habundantem*, por sua vez, são palavras sublinhadas para mostrar uma hipercorreção que ocorre com bastante frequência na *Peregrinatio*: o uso do *h* em palavras que não se escreviam com *h* no latim clássico, mostrando, assim, que o *h* não era mais aspirado nessa época.

2.1.2 Notas linguístico-filológicas

As notas linguístico-filológicas são destacadas nos excertos (capítulos 1, 1; 5, 8; 13, 2; 17, 1; 24, 1) em itálico.

Capítulo 1, parágrafo 1

Ingens: nesta frase, *ingens* refere-se ao vale, e isso fica claro pelo próprio testemunho da autora, em seguida, em 1, 2 *per ualle illa, quam dixi ingens*, e também em 2, 1 *uallis autem ipsa ingens est ualde*. De acordo com o latim clássico, ter-se-ia *Montes aperiebant et faciebant uallem infinitam, ingentem, planissimam et ualde pulchram*. Geyer e Petré corrigem *planissima* para *planissimam*, mas não corrigem *ingens* para *ingentem*. Löfstedt (2007, p. 32-34), destaca que *ingens* pode estar sendo usado como advérbio, sendo tal uso atestado em Plauto, porém com outros adjetivos, *insanum* e *bonam*. Tendo em vista que os advérbios são formados frequentemente através dos adjetivos no caso ablativo (neutro), não é sem razão esta interpretação, mas *ingens* não está em ablativo, nem em nominativo neutro, como *initio* e *initium*, advérbios equivalentes em latim clássico. Mais adiante, *infinitum* (16, 4) é usado como advérbio, e é a isso que se prende Löfstedt. Väänänen (1987, p. 93-94), por sua vez, diz que *ingens* é um adjetivo indeclinado.

Qui: o ablativo do pronome *qui* – *quo* – foi proposto por Gamurrini (a quem todos os outros editores seguiram) porque, evidentemente, esse é o caso do pronome relativo que faz sentido na frase e não o *qui* presente no

manuscrito. Porém, na sintaxe clássica, a preposição *in* viria precedendo este *quo* – “no qual”. Assim, mantenho o que se encontra no manuscrito, mas interpreto *in quo*.

Capítulo 13, parágrafo 2

Hiens: nem mesmo o verbo *ire* escapou de uma hipercorreção da autora, como se vê no particípio presente escrito com *h*. Duas linhas abaixo, tem-se *habundantem*, mais um exemplo, dentre tantos outros.

Optimae satis: o advérbio *satis* está modificando *optimae*, mostrando que *optimus* não é mais o superlativo de *bonus*.

Capítulo 24, parágrafo 1

Operatio: *ofício, atividade litúrgica* ou *liturgia* são as palavras empregadas para traduzir *operatio*, nas diversas edições críticas que apresentam tradução para uma língua moderna. Vale lembrar, no entanto, que “ofício” também é um termo usado para traduzir *missa*.

Dicuntur: *dicere* é um dos verbos mais empregados para a descrição da liturgia. Como observaram Löfstedt, Väänänen e Bastiaensen, esse verbo é empregado para qualquer enunciado oral e não está ligado unicamente à oração (*oratio*). Assim, cada declaração no domínio do culto pode ser expressa através de *dicere*: 24, 6 *dicet episcopus stans benedictionem*; 24, 4 *dicuntur etiam psalmi*; 24, 4 *dicuntur ymni uel antiphonae*; 25, 1: *dicuntur predicationes*; 25, 4 *lectiones dicuntur*. É impossível saber se, na *Peregrinatio*, *dicere* é usado na declamação dos textos, nos cantos ou em ambos. Löfstedt (2007, p. 326-330) fornece exemplos clássicos de Virgílio e Lucrécio, assim como de outros autores pós-clássicos, nos quais *dicere* é usado como *canere* e *loqui*. Na nossa tradução, *dicere*, dependendo do complemento a que se associa, pode significar *cantar, entoar, recitar, dizer*.

2.1.3 Glossário

As palavras que seguem abaixo são marcadas com um asterisco nos capítulos selecionados. Como nos referimos na introdução, são constituintes do glossário itens lexicais que merecem uma explicação mais detalhada, para um melhor entendimento do contexto histórico, geográfico, religioso, entre outros aspectos envolvidos no texto da *Peregrinatio*.

Martyrium (do grego *μαρτύριον*): túmulo de um mártir ou santuário dedicado a um mártir. Esta palavra é mais comumente empregada no Oriente; no Ocidente, emprega-se *memoria*, conforme testemunho da própria Egéria no capítulo 1, 1.

Edessa: foi a capital cultural do Oriente Médio, do século IV ao fim do século VIII, sendo o idioma siríaco a língua empregada para formar o grande *corpus* de literatura siríaca. A cidade foi um importante polo de comunicação e disseminação cultural entre os árabes e, em menor escala, os persas, além de centro irradiador da cultura e do cristianismo ortodoxo oriental, que se espalhou por toda a Ásia, chegando até Malabar e a China oriental.

Abgar (Aggarus): o rei Abgar V (4 a.C. - 50 d.C.) de Edessa (atual Urfa, na Turquia) é personagem de uma lenda que o retrata como autor de uma carta endereçada a Cristo, à qual Cristo teria respondido também por escrito. A fonte primeira dessa lenda é Eusébio de Cesareia (ca. 265 - 339), que afirma ter lido as cartas originais de Abgar a Cristo e de Cristo a Abgar, nos arquivos públicos de Edessa, e tê-las traduzido do siríaco para o grego. Segundo ele, o rei Abgar escreveu a Cristo pedindo ajuda para se curar de uma doença, pois tinha ouvido falar de Sua reputação de realizar curas milagrosas com palavras e toques, curando leprosos, exorcizando demônios e levantando mortos. A carta, segundo Eusébio, pedia proteção contra os judeus e outros inimigos. Em sua resposta, Cristo teria abençoado Abgar e prometido enviar-lhe um de seus discípulos numa missão para curá-lo e proteger a cidade de Edessa contra os inimigos. Na lenda cristã, o enviado foi o apóstolo Tadeu, ou seja, São Judas. A carta de Cristo supostamente não só curou Abgar de uma doença grave, como também o ajudou a resistir à invasão persa, fatos que o levaram a se converter ao cristianismo. A tradução latina da *História Eclesiástica* de Eusébio por Tyrannius Rufinus de Aquileia tornou essa história conhecida no Ocidente.

Anástase (Anastasis), do grego *ἀνάστασις*: é a Igreja da Ressurreição ou do Santo Sepulcro, construída por Constantino, em 326, num lugar próximo à colina de Gólgota, onde Jesus foi crucificado e ao terceiro dia ressuscitou. Eusébio de Cesareia, em sua obra *Vida de Constantino*, disse que esse era um lugar de veneração dos cristãos. Segundo ele, Helena, mãe de Constantino, descobriu a verdadeira cruz nesse lugar. Constantino, por sua vez, mandou edificar a igreja em memória de sua mãe. Nos dias de hoje, Santa Helena é a padroeira da Arqueologia.

Monazontes: do grego (*μονάζοντες*), assim como *parthene* (*παρθέναι*) e *monachus* (*μοναχός*). Além desta ocorrência, em 24, 1, *monazontes* é empregado em 24, 12; 25, 2; 25, 6; 25, 7, referindo-se aos monges de Jerusalém. Em 25, 12, refere-se aos monges de Belém e, em 49, 1, aos monges da Mesopotâmia, Síria, Egito e Tebaida. Conforme Bastiaensen (1962, p. 20), não se vê diferença entre *monazontes* e *monachi*, embora aquele se empregue apenas na segunda parte da obra. Segundo ele, as duas palavras

se empregam não só para designar aqueles que vivem na solidão, mas também aqueles que abraçaram uma vida em comum. Há uma diferença, entretanto, entre *monazotes*, que pode se referir aos dois sexos, e *parthene*, que se emprega somente ao sexo feminino.

3 Considerações finais

Esperamos ter alcançado o objetivo a que nos propusemos: apresentar alguns capítulos do texto latino da obra *Peregrinatio*, sua tradução justalin-ear, bem como as notas relacionadas a eles. No que diz respeito às notas de crítica textual, desejamos ter conseguido mostrar as dificuldades da escritura beneventana e as diferenças no estabelecimento do texto latino entre os editores. Esperamos, igualmente, ter oferecido uma ideia geral sobre as notas de crítica histórico-literárias, as quais versam sobre as particularidades linguísticas, filológicas e gramaticais da variedade de língua latina em que foi escrita a obra. Por último, através do glossário, imaginamos ter sido possível apontar, ainda que de modo rápido, a quantidade de aspectos culturais que estão envolvidos nessa obra.

Temos consciência de que o texto de Egéria tem sido estudado há mais de um século, através de muitos pontos de vista, dos quais os mais importantes são o religioso, o histórico, o filológico e o linguístico. A breve exposição de nosso trabalho diz pouco sobre uma obra tão rica em tantas perspectivas, e que pode ser considerada como um verdadeiro mundo a ser estudado. Por isso, justamente, acreditamos que essa obra continua aberta a novas descobertas. Cremos, com a nossa edição crítica e a sua divulgação através deste artigo, poder contribuir para o estímulo dos estudos clássicos e filológicos, hoje em dia tão pobres e carentes do reconhecimento que merecem.

BIBLIOGRAFIA

- ARCE, A. *Itinerario de la virgen Egeria (381-384)*. Madrid: La Editorial Católica, 1980. (Biblioteca de Autores Cristianos, 416)
- BASTIAENSEN, A.A.R. *Observations sur le vocabulaire liturgique dans l'itinéraire d'Égérie*. Utrecht: Dekker et Van de Vegt, 1962.

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLAISE, A. *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*. Tournhout: Brepols, 1954.
- DEVOS, P. La date du voyage d'Égérie. *Analecta Bollandiana*, Bruxelles, v. 85, p. 165-194, 1967.
- FRANCESCHINI, E.; WEBER, R. Itinerarium Egeriae. In: *ITINERARIA ET ALIA GEOGRAPHICA*. Turnhout, v. 175, p. 27-90, 1965. (Corpus Christianorum, Series Latina)
- GAMURRINI, G. F. *Sancti Hilarii, tractatus de mysteriis et hymni, et Sanctae Silviae Aquitanae, peregrinatio ad loca sancta quae inedita ex codice arretino deprompsit*. Romae: P. Puggiani, 1887.
- _____. *Sanctae Silviae aquitanae peregrinatio ad loca sancta*. Editio altera, novis curis emendata. Romae: T. Vaticanis, 1888.
- GEYER, P. Sanctae Silviae quae fertur peregrinatio ad loca sancta. In: *ITTINERA HIEROSOLYMITANA SAECULI IIII-VIII*. Vindobonae: Academia Litterarum Caesarea, 1898. (Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum, 39)
- GINGRAS, G. E. *Egeria: diary of a pilgrimage*. Mahwah, New Jersey: The Newman Press, 1970. (Ancient Christian Writers, 38)
- HAVET, L. *Règles pour éditions critiques*. Paris: s.n., 1911.
- HERAEUS, W. *Silviae vel potius Aetheriae peregrinatio ad loca sancta*. Heidelberg: Carl Winter, 1921. (Sammlung Vulgärlateinischer Texte, 1)
- JANERAS, S. *Egèria, Peregrinatge*. Barcelona: Fundació Bernat Metge, 1986.
- LOEW, E. A. *The beneventan script: a history of the south italian minuscule*. Oxford: Oxford U.P., 1914.
- LÖFSTEDT, E. *Commento filologico alla Peregrinatio Aetheriae: ricerche sulla storia della lingua latina*. Bologna: Pàtron, 2007.
- MARAVAL, P. *Égérie, journal de voyage*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2002. (Sources Chrétiennes, 296)
- _____. *Lieux saints et pèlerinages d'Orient: histoire et géographie des origines à la conquête arabe*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2004.
- MARIANO, A.; NASCIMENTO, A. *Egéria. Viagem do Ocidente à Terra Santa no séc. IV*. Lisboa: Colibri, 1998.
- MAURER JR, T. H. *Gramática do latim vulgar*. São Paulo: Acadêmica, 1959.
- NATALUCCI, N. *Egeria – Pellegrinaggio in Terra Santa*. Firenze: Nardini, 1991.
- NOVAK, M. *Peregrinação de Etéria: liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- POMIALOVSKY, J. *Peregrinatio ad loca sancta saeculi IV*. São Petesburgo: Scripta Societatis Rossicae Palaestinensis, 1889.
- PÉTRÉ, H. *Éthérie, journal de voyage*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1948. (Sources Chrétiennes, 21)

- PRINZ, O. *Itinerarium Egeriae (Peregrinatio Aetheriae)*. Heidelberg: Carl Winter, 1960. (Sammlung Vulgärlateinischer Texte, 5)
- SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- VÄÄNÄNEN, V. *Le journal-épître d'Égérie (Itinerarium Egeriae): étude linguistique*. Helsinki: Suomalainen Tiedekatemia, 1987.
- VALERIUS DU BIERZO. Lettre sur la Bienheureuse Égérie. Introduction, texte et traduction par M. C. Díaz y Díaz. In: MARAVAL, P. *Égérie, journal de voyage (Itinéraire)*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2002. (Sources Chrétiennes, 296)
- WEBER, R.; GRYSOON, R. *Biblia Sacra iuxta vulgatam versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

Recebido em : 10/12/2013. Aceito em : 21/03/2014.